

LITERATURA E ANALFABETISMO: A MEDIAÇÃO DE *BOOKTUBERS*¹

Mariane Tavares (Unicamp)

Introdução

A primeira vez que li um livro inteiro tinha seis anos. Lembro-me de tudo, estava na primeira série do ensino fundamental e a professora nos levou à biblioteca. Ela nos deixou livres e disse que poderíamos escolher qualquer livro que quiséssemos. Eu olhei, olhei e olhei até encontrar “O primeiro amor de Laurinha”, de Pedro Bandeira, esse foi o livro que escolhi. Todos começamos a ler o livro na escola e depois tínhamos que justificar nossa escolha (acho que me identifiquei com a menina estranha desenhada na capa). Li o livro inteiro no mesmo dia. Descobri a leitura e gostei. Depois li muitos livros de Pedro Bandeira, como: “A droga do amor”, “A droga da obediência”, entre outros.

Antonio Candido em seu texto “O direito à literatura” afirma que a literatura é um direito da humanidade, pois o ser humano não passa um dia sequer sem ficcionar ou fabular algo sobre a vida e nesse sentido a literatura age na formação do caráter dos sujeitos. No início, Candido apresenta o que são direitos humanos e delinea os direitos à alimentação, à moradia, à saúde, à justiça, à liberdade, à crença, à opinião, ao lazer e à educação; para o sociólogo e crítico literário esses direitos devem ser assegurados porque garantem a sobrevivência física do ser humano, bem como sua integridade e capacidade intelectual. Desse modo, a pergunta que surge é: a literatura, interpretada como arte de forma ampla, no que diz respeito à educação, não seria também um direito do ser humano? Naturalmente o ser humano faz literatura em todo tempo, ao contar uma história, ao ouvir uma música, ao ler um poema e assim vai construindo suas relações de humanização.

A literatura permeia toda a cultura, seja no folclore, nas lendas, nos cordéis, nas piadas e nos livros – onde há uma complexa produção intelectual –, logo não é possível que o ser humano, em sua vivência e relacionamentos seja capaz de viver sem alguma espécie de manifestação literária. Para Antonio Candido

a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (1989, p. 113)

Essa definição de literatura inclui uma ideia formativa, de construção da personalidade e por isso ela é tão importante porque por ela e através dela o sujeito pode transformar o mundo, nela ele vive vários mundos conscientemente ou não. Na reflexão proposta por Candido, a literatura humaniza e a humanização é

o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante (1989, p. 117).

Compreendendo que a literatura está além do texto literário, mas que sua principal manifestação vem a partir dele para humanização do ser, perguntamos: como lidar com os altos

¹ XV Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e XII Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online

índices de analfabetismo no Brasil, se para ter acesso às manifestações literárias ditas eruditas é necessário saber ler? Qual a importância do professor de literatura na escola e fora dela? A princípio, acredita-se que o fenômeno dos *booktubers*² é uma resposta possível para essas perguntas, pois tornam obras literárias conhecidas àqueles que não frequentam a escola e/ou não sabem ler; mas, por outro lado, podem substituir a leitura do texto literário daqueles que poderiam realiza-la.

Desenvolvimento

Em 2016 vários jornais como Folha de SP, Estadão, G1 divulgaram notícias falando sobre analfabetismo. A partir de fevereiro publicaram que 27%³ (13 milhões aproximadamente) dos brasileiros são analfabetos, um levantamento do Instituto Montenegro em parceria com o Instituto Ibope afirma que pessoas que passam até oito anos na escola não conseguem reconhecer o que é ironia e não sabem diferenciar notícia de opinião. Também no mês de fevereiro publicaram que apenas 8%⁴ das pessoas em idade propícia para o trabalho são capazes de interpretar letras e números e se expressar através deles. Em junho, Luiz Ruffato, também em um grande veículo de comunicação, publicou que um em cada três⁵ brasileiros adultos não sabe ler e escrever e que educação com qualidade no Brasil é privilégio de uma elite mandatária. Em agosto o governo de Michel Temer suspendeu o Programa⁶ Nacional de Combate ao Analfabetismo. Em outubro Sertanópolis⁷, no Paraná, por pouco não pôde eleger seu candidato mais representativo nas eleições porque ele foi considerado analfabeto funcional. Enfim, em novembro o PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) junto com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) divulgou que a taxa de analfabetismo no Brasil em relação a 2015 diminuiu⁸, mas ainda é alarmante, principalmente na região Norte do país; ao mesmo tempo é necessário refletir que de lá vem as principais lendas do folclore brasileiro e também grandes escritores como Milton Hatoum e Max Martins.

O analfabetismo no Brasil não impede o indivíduo apenas de ter acesso à literatura, mas o impede de ter acesso básico a muitas outras atividades. O indivíduo não leitor não pode assinar um contrato, não pode participar de processos seletivos, não pode candidatar-se a cargos públicos, etc. Quando o direito à leitura é negado, o indivíduo é privado de muitos outros direitos. A literatura não inicia a partir da escrita, mas da leitura. Um escritor escreve porque é leitor, se não houver leitores, qual seria a demanda do escritor? Dentre as muitas crises pelas quais a literatura já passou, a crise do leitor é contínua e vem se reconfigurando. Roland Barthes (1996) já pensava sobre o leitor em “O prazer do texto” quando afirmava que a escrita sem leitura é como uma voz sem sonoridade, pois no texto só o leitor fala, isso significa que o que o autor deseja comunicar nem sempre é o que o leitor vai interpretar. Segundo o semiólogo francês, no texto há pelo menos seis vozes a serem ouvidas: a voz do leitor, a voz da pessoa, a voz da empiria, a voz da ciência, a voz do simbólico e a voz da verdade. No emaranhado de

² *book* – livro, *tuber* – produtores de vídeos postados no *YouTube*

³ Acessado em 20/02/2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2016/02/analfabetismo-ainda-atinge-27-dos-brasileiros-e-desafios-sao-grandes.html>

⁴ Acessado em 22/09/ 2018. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/noticias/2016/02/29/no-brasil- apenas-8-escapam-do-analfabetismo-funcional.htm>

⁵ Acessado em 22/09/2018. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/15/opinion/1466026241_322188.html

⁶ Acessado em 19/08/2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2016/08/1807683-governo-temer-suspende-programa-nacional-de-combate-ao-analfabetismo.shtml>

⁷ Acessado em 30/10/2016. Disponível em: <http://eleicoes.uol.com.br/2016/noticias/2016/10/05/com-candidato-considerado-analfabeto-cidade-do-pr-pode-ter-nova-eleicao.htm>

⁸ Acessado em 26/11/2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/taxa-de-analfabetismo-cai-pelo-quarto-ano-no-brasil-mas-sobe-na-regiao-norte.ghtml>

vozes o leitor vai decodificando o texto e o texto tem muitas linguagens, mas se o indivíduo não é leitor ou se é leitor e não sabe decodificar, ele novamente deixa de ter acesso direto ao cânone e caminha para o que é considerado a “nova literatura” disponível por meio dos booktubers, que a apresentam com a máxima da coloquialidade. Os suportes digitais ampliaram o acesso à informação e potencializaram os processos de produção e divulgação de novidades acerca da literatura, criando um aprendizado diferente, criativo e que dialoga com a realidade daqueles que têm interesse em dialogar sobre o assunto.

Aqui, não nos interessa a discussão sobre os malefícios ou benefícios das mídias digitais e das plataformas virtuais, pois, se através de um desses meios uma pessoa analfabeta tiver a chance de conhecer uma obra literária que vai interferir na sua subjetividade e despertar o desejo pela leitura, evidentemente é bom que as pessoas tenham acesso ao trabalho desenvolvido por booktubers. Porém, a questão é mais ampla, se se pensar quais pessoas de fato têm acesso a essas plataformas e se a não leitura de quem sabe ler acontece por causa dos booktubers ou é pela falta de interesse dos aluno, que advém de variados motivos.

Mais do que apresentar um novo meio de ensinar ou falar sobre literatura, com uso de hiperlinks, imagens e recursos que não estão presentes em sala de aula, os booktubers criam um novo tipo de leitor, o “leitor 2.0” porque atrai, também, aqueles que têm dificuldades com o texto literário, trazendo para este universo pessoas que não são apenas da área de Letras, Linguística e Artes. Os principais booktubers brasileiros, como: Bruno Miranda (canal Minha Estante), Pâmela Gonçalves, Tatiana Feltrim (canal The Tiny Little Things), Eduardo Cito (Perdidos nos Livros) e Melina Souza (Serendipity) são formados em Letras e têm aproximadamente 5 milhões de visualizações – um alcance imensurável comparado às escolas e às universidades que têm uma limitação de público –. Os booktubers não estão presos aos currículos escolares e interagem com seu público trabalhando textos clássicos e recebendo indicações de leitores. Eles também interagem com premiações e fazem paralelos ou esquemas de leitura semelhantes ao que o próprio Antonio Candido fez em livros como *Na sala de aula*. Os vídeos duram em média 20min e são distribuídos em séries, para manter a atenção do espectador, que além de se relacionar de maneira diferente com a obra, ainda forma uma comunidade de leitores com interesses semelhantes, por exemplo: o grupo dos poetas, dos românticos, dos amantes de realismo mágico, etc.

De acordo com Petit:

O gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem ser letra morta se ninguém lhes der vida. Se a pessoa se sente pouco à vontade em aventurar-se na cultura letrada devido à sua origem social, ao seu distanciamento dos lugares do saber, a dimensão do encontro com um mediador, das trocas, das palavras “verdadeiras”, é essencial. [...] quando um jovem vem de um meio em que predomina o medo do livro, um mediador pode autorizar, legitimar, um desejo inseguro de ler ou aprender, ou até mesmo revelar esse desejo. E outros mediadores poderão em seguida acompanhar o leitor, em diferentes momentos de seu percurso (PETIT, 2009, p.148).

A afirmação de Petit vai na direção de uma mediação de leitura que pode vir a ser potência para ampliação da prática de leitura ou recepção do texto literário por aqueles que não têm tanto contato com a literatura. Analfabetos, por exemplo, estão distantes dos espaços legitimados de leitura, mas, na internet, tornam-se iguais aos leitores formais; a opção de se expor ou não ao interagir com os booktubers pode ajudar o espectador a aprender a ler aos poucos, conforme a identificação que têm com a proposta, pois, mesmo analfabeto, esse indivíduo é letrado e sabe lidar com tecnologias.

A prática de leitura costuma ser solitária se não se formar um clube de leitores, os booktubers como mediadores, desafiam esse princípio, porque além de publicar os vídeos com sua interpretação, eles recebem nos comentários a interpretação dos leitores e às vezes os

convidam a gravar vídeos com eles para multiplicar as várias possibilidades de interpretação das leituras, fazendo com que essa mídia atenda diferentes perfis de leitores e deixando a critério deles o quanto vão se aprofundar ou não na leitura. Os booktubers também atuam com estratégias que dão liberdade ao receptor e certo encantamento, porque ao mesmo tempo em que trabalham com clássicos, também trabalham com best-sellers e literatura contemporânea, criando pontes e relações entre obras que aparentemente se opõem.

Segundo a professora Andrea Hossne⁹ (USP), em pesquisa desenvolvida há três anos com os alunos ingressantes nas turmas de graduação em Letras na Universidade de São Paulo, apresenta-se um questionário com perguntas como: qual a leitura mais prazerosa que você fez até o momento? Qual o livro que você menos aprecia? Por qual gênero literário você nutre mais interesse? Por que você decidiu cursar Letras? Com o que pretende trabalhar ao concluir a graduação? Entre outras perguntas, uma grande porcentagem dos alunos responde que seu livro favorito é Harry Potter (J. K. Rowling) e Iracema (José de Alencar) é o menos apreciado; um número expressivo não sabe distinguir as diferenças entre os gêneros literários, mas está aberta as diferentes experiências com o texto, no entanto, a resposta mais curiosa é que muitos alunos decidiram cursar Letras e, ao se formarem, esperam ser booktubers principalmente pela liberdade ao trabalhar com o texto e com a possibilidade de trabalhar home office.

Aqueles que acompanham o conteúdo desenvolvido por booktubers podem ser não-leitores que só podem ter acesso às obras por meio dos booktubers; também podem ser alunos de ensino fundamental e médio que não querem ler as obras obrigatórias – e quanto mais leituras obrigatórias mais o professor precisa criar meios de relacionar as leituras ao mundo contemporâneo e a realidade dos alunos para despertar seu interesse –, podem ser pessoas de outras áreas do conhecimento ou até especialistas na área de Letras que querem deixar seu conteúdo mais profissional e dinâmico, faz-se necessário destacar que o interesse na leitura está presente independentemente do tipo de leitor, do contrário não haveria tantas visualizações, portanto o foco é como se dá a mediação dos booktubers e sua leitura da obra.

Em primeiro lugar, [...] o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Em segundo lugar, estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano (LÉVY, 1999, p. 11)

Ao prolongar determinadas capacidades cognitivas humanas (memória, imaginação, percepção), as tecnologias intelectuais com suporte digital redefinem seu alcance, seu significado, e algumas vezes até mesmo sua natureza. As novas possibilidades de criação coletiva distribuída, aprendizagem cooperativa e colaboração em rede oferecidas pelo ciberespaço colocam novamente em questão o funcionamento das instituições e os modos habituais de divisão do trabalho, tanto nas empresas como nas escolas (LÉVY, 1999, p. 172).

A leitura de Lévy sobre o ciberespaço e a tentativa de fazê-lo convergir com espaços de educação formal, identificando o que um agrega ao outro é um meio de agregar novas leituras e leitores para a ressignificação do currículo escolar, e, principalmente, para o ensino da literatura no Brasil. Há certa rejeição no âmbito acadêmico ao trabalho dos booktubers, contudo eles alcançam um público que tendo acesso à tecnologia, pode ter acesso à literatura erudita independente da barreira do saber ler ou não e esse pode um dos meios de desenvolver o interesse pelo aprender a ler e no aprofundamento do texto e de suas vozes.

⁹ Professora Dr^a em Estudos Literários na Universidade de São Paulo, em palestra “O que (e como) os alunos leem enquanto os críticos (e seus professores) escrevem: uma hipótese de trabalho” proferida no dia 11/10/2018, no VII Encontro Internacional de Estudos Literários da UNB.

Conclusão

Um indivíduo analfabeto tem inúmeras barreiras até acessar o texto literário por completo, seja pela leitura ou pela compreensão. Sabe-se que em o acesso à tecnologia não é democrático, por isso há regiões onde as pessoas tem mais acesso do que em outros lugares, nesse sentido seria necessário fazer uma pesquisa sobre esses acessos por região e qual o público que o faz; na impossibilidade de fazê-lo, parte-se da ideia de que ao ter acesso ao conteúdo oferecido por booktubers, independente do lugar onde se acessa e por que, o indivíduo estabelecerá uma relação com o texto literário, direta ou indiretamente.

A primeira dificuldade do sujeito que está preocupado com o analfabetismo no país é identificar os analfabetos, assim como a dificuldade do professor de literatura é identificar nas salas de aula lotadas quem são seus alunos analfabetos funcionais. Questionários não ajudam no processo, pois os alunos não sabem interpretar, mas ao encontrar um caminho, o movimento é descobrir como fazer com que leitura e tecnologia dialoguem e formar parcerias com booktubers pode ser um caminho. É reconhecer o que os analfabetos ou analfabetos funcionais têm ao seu redor e pode auxiliá-los no reconhecimento do que já sabem e do que podem usar como ferramentas no processo de ensino-aprendizagem.

Dado esse cenário, somados a negação do Estado em proporcionar educação de qualidade para todos, o professor de literatura precisa usar a teoria a seu favor e a experiência para transformação da realidade do aluno, ele não pode esquecer que a literatura é um direito humano e seu dever é ensinar alunos, independente de idade e contexto, a ler e compreender livros como “O primeiro amor de Laurinha” ou “A metamorfose”, se Franz Kafka.

Referências bibliográficas

- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Tradução: Jaime Ginzburg. 4ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1989.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.